

Padronização do Algodão no Brasil

Dr. HEITOR A. TAVARES
Chefe do Departamento do Algodão
em Sergipe

Effectuar-se-á brevemente em Washington uma nova Conferencia Internacional Algodoeira para cuidar da padronização universal do algodão.

Ahi comparecerão representantes das Bolsas de Liverpool, Manchester, Havre, Bremen, Milano, Rotterdam, Ghant, Barcelona, da Japan Cotton Spinners Association, da Japan Cotton Merchants Union, e os plantadores, fabricantes e negociantes residentes nos Estados Unidos.

Certamente, nem que seja por mera cortezia, as nossas Bolsas de S. Paulo e Rio serão também contempladas nos convites, mormente a primeira, a paladina da padronização algodoeira no Brasil.

Essa noticia de extenção internacional coincide com uma outra de character domestico sobre os nossos padrões no Brasil, em vias de reforma, moldados á feição dos padrões da Bolsa de São Paulo.

E' opportuno, portanto, um commentario em torno desse magno problema nacional cuja solução decidirá fortemente do nosso ingresso victorioso na primeira linha dos paizes algodoeiros ou do estiolamento perdurador de nossos anceios, nossas investidas para subir e alcançar melhor collocação entre os lideres mundiaes do algodão.

Com effeito, a padronização, a medida aferidora da qualidade das safras, é factor primordial de seus valores e nada conseguiremos nos demais campos sem termos ajustado essa engrenagem da distribuição.

Temos desenvolvido, é bem de ver, um grande esforço, uma formidavel campanha que hoje nos permite conhecer os 78,5 % da qualidade de nossas safras, sendo que esse conhecimento attinge aos 100 % da parte exportavel.

Prova essa conquista que o nosso ambiente era propício á officialisação da medida; as classes interessadas e productores anciavam-na e não mais a dispensarão.

Isto quanto ao Brasil e enquanto nossa pequenez algodoeira não nos despertar ambições mundiaes agigantadas.

Acaso porem, esse ideal restringir-se-á sempre aos serviços domesticos? Queremos ser algodoeiros apenas para uso interno? E para que nos vale então essa immensa extensão de terra virgem, fertil, e farta? Para que nossa decantada situação privilegiada de paiz novo a cultivar, de solo virgem e inexgotavel, de clima a calhar para o algodoeiro em todos os quadrantes? Não, temos capacidade para mais, para muito mais, e nossas vistas deverão estar voltadas sempre para essa vasta colmeia industrial de alem fronteiras, onde iremos terçar as armas, sinão da industria, ao menos da materia prima, com grandes productores.

Uma vez que será esse o campo para o qual buscamos ingresso, é logico, é do bom senso, que procuremos nos adaptar ás suas condições, aos ditames de sua evolução de seculos.

Ora, si assim é, si queremos provar ao mundo que estamos aptos a satisfazer-lhe as exigencias com um materia prima igual ou melhor á que está habituado a empregar, nada mais natural que afferirmos a sua qualidade pela escala de valores já universalmente conhecida e usada — a padronagem americana.

Emquanto persistirmos em impor uma padronagem genuinamente caseira assistiremos nossa conquista algodoeira marchando a passo de kagado.

Fossemos os maiores productores e a questão seria outra.

Na producção do café por exemplo, quem quizer surgir que nos siga as pegadas.

Os satellites não possuem luz propria.

Para que complicarmos nossa situação tornando indispensavel, nos negocios com os estrangeiros, o trabalho mental das referencias de typo? Porque dizemos-lhe que nosso typo 3 equivale ao *Middling* universal obrigando os interessados a calculos de correspondencia de qualidade e valor em vez de o chamarmos logo *Middling*, ou, para evitar o nome exotico, a

inicial M. acompanhada do numero correspondente na padronagem americana, como seja M-5?

O facto é que temos uma qualidade de algodão que se enquadra perfeitamente no typo *Middling*, de uso universal; apenas ainda não o appellidámos assim, com prejuizos para nossa rapida expansão.

Obedecendo a esse criterio ao organisarmos o serviço de classificação de Sergipe, iniciado á 6 de Novembro de 1923, isto é, quando ainda se não organisára os demais do Paiz, adoptámos os padrões americanos, fazendo menção da letra seguida do numero correspondente.

E durante trez annos a classificação foi feita dessa maneira sem o menor entrave nem a difficil comprehensão das partes.

Em Agosto de 1926 estabeleceu-se a padronagem official brasileira.

Sergipe, que então não era mais exportador directo para o estrangeiro, não havia de manter uma classificação á parte, ignorada nas demais praças, com perturbações inevitaveis em seus negocios com as mesmas.

Fez o que todos fizeram — adoptou os novos padrões.

Estes, porem, já exigindo reforma, não parecem os mais indicados para nossas finalidades de grande productor.

Porque não nos integrarmos então no mecanismo universal afinando os nossos instrumentos com os do uso geral, em vez de formarmos sempre á parte, vibrando tecla destoante, em desconformidade com a rapidez com que a almejamos evoluir?

Bem queiram as nossas Bolsas e a Superintendencia do Algodão neste momento em que Washington propõe ouvir os technicos mundiaes sobre os padrões do algodão, mormente dos de fibra longa, que seus technicos compareçam, ao menos como curiosos, porque a occasião é opportunissima para colher ensinamentos sobre nossa propria reforma.

E' tempo já de confeccionarmos, ao lado da serie dos algodões brancos, os padrões dos algodões tintos e manchados de amarello e de azul, porque elles existem em nosso material e exigem classificação á parte, para receberem tambem valores correspondentes.

Quem pratica a classificação diariamente, sente já, a cada passo, a perturbadora presença desses algodões dificultando a justa determinação dos typos em que recaem, o que, em via de regra, redundando em prejuizo para a parte productora.

A maior parte de nossos algodões é de recente ou longinqua origem americana.

Seu aspecto, tiradas as pequenas peculiaridades regionaes communs a todo algodão, menos nos Estados Unidos, é favoravel ao emprego desses padrões americanos, os mais perfeitos de que se tem noticia, e tão perfeitos, que os demais, inclusive os dos inglezes, com todo o seu proclamado conservantismo, aos poucos se vão deixando absorver por elles, adoptando reformas tão radicaes, que hoje, podemos dizer, só ha uma padronagem — a americana.

Em virtude do exposto, e já que cogitamos de alterar nossa padronagem introduzindo nella os aperfeiçoamentos hoje tornados imprescindiveis, que o façamos, mas após a observação das resoluções do grande certamen a ser convocado em Washington, para que a nossa padronagem algodoeira não permaneça como eterna tentativa de finalidade delimitada pelas fronteiras geographicas, mas avulte e nos facilite uma expansão sem par. Não constitue tudo isso materia a meditar?

Aracajú, 16 - 6 - 931.

HEITOR AIRLIE TAVARES

Crescimento dos mammiferos

O crescimento ponderal dos mammiferos, nos primeiros dias de sua existencia varia muito segundo as especies. Por exemplo verifica-se que 1 kgr. de peso vivo das especies abaixo discriminadas no fim de 30 dias augmentará como segue :

de 1 k para 12,k000—o coelho „ 1 k „ 6,k000—o cão „ 1 k „ 5,k700—o porco „ 1 k „ 3,k100— a cobaya „ 1 k „ 3,k000—o gato		de 1 k para 2,k750—o cordeiro „ 1 k „ 2,k300—o cabrito „ 1 k „ 1,k750—o potro „ 1 k „ 1,k680—o bezerro „ 1 k „ 1,k250— a criança
---	--	--

Pelos algarismos acima verifica-se ter o coelho crescimento mais rapido sendo a criança collocada em ultimo logar.

DR. G. BELLE